

PREÇO: 1\$000



10-8-28
Nº 22

J. G. WILKIN

ARLEQUIN

PEDIMOS

aos nossos agentes

que nos enviem

com a maxima brevidade a relação
das novas assignaturas semestraes
angariadas.

Caixa Postal 3323

Seguros Marítimos, Terrestres e de Accidentes no Trabalho

CAPITAL REALIZADO RS. 2.000:000\$000

DEPOSITO NO THEOURO NACIONAL RS. 300:000\$000

COMPANHIA DE SEGUROS

“GUANABARA”

SUCCURSAL EM

S. PAULO

RUA ANCHIETA
N. 4 SOBR.

CAIXA POSTAL
3466

PELEPHONE
2-5570

Séde: RUA BUENOS AIRES, 61 - 1.º e 2.º andar
RIO DE JANEIRO — End. Teleg. “Pallas”

AFFONSO VIZEU

DIRECTOR PRESIDENTE

Agencias :

MANÁOS
PARÁ
MARANHÃO
PARNAHYBA
THEREZINHA
FORTALEZA
ARACATY
SOBRAL
NATAL
RECIFE
MACEIÓ
ARACAJÚ
BAHIA
VICTORIA
NICTEROY
B. HORIZONTE
JUIZ DE FÓRA
SÃO JOÃO D'EL REY
SANTOS
CURITYBA
JOINVILLE
PELOTÁS
RIO GRANDE
PORTO ALEGRE

ARLEQUIA

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS:
Por anno 30\$000
Por semestre 18\$000
Venda avulsa 1\$000

GERENTE:
Alberto de Siqueira Reis

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás Quintas-feiras alternadas, em São Paulo

Redacção e Administração

R. Libero Badaró, 23 - sob. - 2.º andar salas 16 e 17

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2-1024

DIRECTORES:

Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Pedroso d'Horta

ILLUSTRADOR:

J. G. Villin

Preço 1\$000

Corpo de Redacção:

MERCADO JUNIOR, AMERICO R. NETO, FELIX DE QUEIROZ, DE LIMA NETTO, ASSUMPÇÃO FLEURY

Collaboradores

ALBA DE MELLO (SORCIÉRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, OLIVEIRA RIBEIRO NETTO, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS AFFONSO SCHIMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA. LÉO VAZ, ETC.

Opiniã o P u b l i c a

*Redacção de jornal. Relógio de parede.
Vinte redactores, vinte thesours e
vinte vidros de gomma. 23 horas.*

Scena primeira

Redactor (sentado, escrevendo) — “Inconcebível a ultima attitudo assumida pelo Dr. Gumercindo Ganimedes. Nem se comprehende que sem estigmatização passe tal affronta á opinião publica. É nós, órgão independente, zeloso da felicidade e prosperidade do Paiz, cujo orgulho unico é esse da incorruptibilidade, aqui estamos de pé para verberar a audacia desse “vendilhão” que não se peja de entregar a estrangeiros pedaços da PATRIA sacrosanta”

Scena Segunda

*Sala do Director. Um portador.
O portador (para o director) — Da parte do Dr. Gumercindo Ganimedes...*

E sahê.

O director considera longamente o bilhete do banco com o retrato de S. M. o Imperador D. Pedro Primeiro. Pensa em tudo menos no Grito do Ypiranga. Ou antes, só pensa no conto de réis. Consulta a consciencia. Recordase de Mlle. Mlle. Abre a carteira e aninha a nota entre as mãos que alli se encontram.

Scena Vigesima

Um leitor — (egual, naturalmente, aos outros leitores) “Absolutamente digna de applausos a ultima attitudo assumida pelo dr. Gumercindo Ganimedes. Nem se comprehende que passe sem louvores tanto zelo pelos negocios publicos. E nós, órgão independente, zeloso da felicidade e prosperidade do paiz, cujo orgulho unico é esse da incorruptibilidade, aqui estamos de pé para felicitar a coragem e dasassombro desse benemerito que affrontando meia duzia do demagogos resguardou o bem publico, beneficiando a Patria Sacrosanta” Etc.

Scena ultima

Num restaurante

Gumercindo Ganimedes (Sorri).

Um patriota — (para outro patriota).

E falam daquelle homem !!

V A R G A S Y H O R T I Z

RENASCIDOL

PODEROSO TONICO, RECONSTITUINTE E ESTIMULANTE



Vidro original

Licenciado pela D. N. S. P., sob n. 76, em 24 de Janeiro de 1927, e registrado no Ministerio da Agricultura sob n. ... RENASCIDOL, faz renascer. É um poderoso tonico dos nervos, do cerebro e do coração é um grande renovador das forças esgotadas. RENASCIDOL é o estimulante por excellencia. Todos aquelles que soffrem de enfraquecimento geral, debilidade, anemia, despepsya nervosa, neurasthenia, tonteiras, falta de memoria, enfim, de todas as enfermidades originarias do máo funcionamento do estomago e dos nervos, deverão tomar RENASCIDOL. Logo ao primeiro vidro o enfermo sentirá renascer-lhe as forças e a energia, desaparecerá o mal e sentir-se-á outro. RENASCIDOL, não fatiga o organismo. Pelo contrario, tonifica-o, estimula-o, fortifica-o, dá-lhe novas energias. RENASCIDOL, é um poderoso tonico e reconstituinte e seu fabrico é unica e exclusivamente com plantas de grande valor therapeutico. Grande numero de medicos de nomeada receita RENASCIDOL aos seus doentes, certos que estão de seu grande poder curador. RENASCIDOL é um elixir tonico diferente de todos os seus congeneres, devido a sua formula. A quem não obtiver resultado positivo, melhora accentuada, ao primeiro vidro, substituiremos a importancia do custo de RENASCIDOL. Aquelles que soffrem deverão tomar, hoje mesmo RENASCIDOL e sentir-se-ão immediatamente alliviados de seus males. RENASCIDOL é receitado com a maior confiança pelos illustres Drs. Ubaldo Veiga, José Paulo Sodré, Jorge Pinto, Angelo Camara e Professor F. Espesel, medicos da Associação dos Empregados no Commercio.

Encontra-se á venda em todas as pharmacias e drogarias do BRASIL. Preço do frasco 10\$000. Pelo Correio mais 2\$000 para o porte. Para revendedores fazemos grande abatimento de accôrdo com as tabellas, em duzias e caixas.

PEDIDOS AO LABORATORIO DO "RENASCIDOL"

ROLINK & Cia.

ACCEITAM-SE REPRESENTANTES NOS ESTADOS E NO ESTRANGEIRO

Rua SENADOR Dantas, 75, 1.º andar — Rio de Janeiro.
Drogaria Baptista — Rua 1.º de Março n. 10.
Drogaria Pacheco — Rua dos Andradas 43 a 47

DEPOSITARIOS.

Drogaria Ribeiro Menezes — R. Uruguayana 91.
Drogaria Huber — Rua 7 de Setembro ns. 61/63.
Em NITTHEROY : Drogaria Barcellos — R. Visc. do Rio Branco 413
Em PLTROPOLIS : Drogaria Central — Av. 15 de Novembro, 613
Nos Estados do Para e Maranhão — OLIVEIRA PIMENTEL & Cia.
No Estado do Piahy — DIDIMO DE FREITAS.
No Estado do Ceará — CRAVEIRO & MATTOS.
No Estado de Sergipe — A. GOMES CAFE'.
No Estado do Espirito Santo — EUDOXIO CALMON & Cia.
No Estado de Alagôas — APPARICIO RAMALHO MOREIRA.
No Estado de Pernambuco — AMERICO SANTOS & Cia.
No Estado de Parahyba — ILDEFONSO BEZERRA.
No Estado do R. Grande do Norte — B. GUERRA & Cia. Ltd.

Não mataráis!

A igreja estava cheia. Do pulpito, gestos graves, o sacerdote conseguira prender a attenção da massa compacta que se estendia até a porta.

A sua voz electrisante ecoando pela nave, parecia penetrar o ouvido das imagens fazendo-as vibrar.

Encostada á porta, encolhida, uma senhora resava, olhos pregados no Altar Mór. Ao seu lado, luto fechado, pallido, encovado, bebendo syllaba por syllaba as palavras do velho pregador, um moço deixou escapar uma lagrima.

— O senhor está sentindo alguma cousa ?

— Minha senhora, eu sinto agora uma vontade forte de me conciliar com Deus.

— Faz bem, meu filho, é uma grande cousa viver bem com Deus.

— Eu tenho vivido longe da igreja. Não aprendi cathecismo e não fiz ainda a minha primeira comunhão.

— Que peccado ! mas, ha remedio. Ensinar-lhe-ei, se consente, e dentro de um mez será um bom christão.

— Como eu lhe agradeço, mas, onde encontrarei um cathecismo ?

— Meu filho : Na Casa Santa Ephigenia dos Senhores M. Silva e Cia., a rua de Santa Ephigenia numero quarenta e cinco. Lá encontrará : Rosarios, livros de missa e de piedade, santinhos, medalhas, imagens, alfayas, paramentos, artigos variados para presentes, e um lindo sortimento de fitões de S.S. Sacramento, do Coração de Jesus, e mais Associações catholicas.

— Obrigado, minha senhora. Irei á casa Santa Ephigenia dos Senhores M. Silva e Cia.

— Vá, ficará contente, e amanhã começaremos as nossas licções.

Do pulpito, gestos graves, o velho pregador terminava o seu sermão : e amae a Deus sobre todas as cousas !

OBJETOS PARA PRESENTES

Joias e Pedras finas

Casa Oscar Machado

101 - OUVIDOR - 103

Vinho Reconstituente Silva Araujo

CARNE QUINA
E LACTO PHOSPHATO DE CALCIO
SILVA ARAUJO



OPINIÕES DE SUMMIDADES MEDICAS :

“De preparados analogos, nenhum, a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém, o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo, a par do sabor agradavel ao “paladar de todos os doentes e convalescentes”

Dr. B. da Rocha Faria.

.excellente preparado que se emprega com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados.

Dr. Miguel Couto.

.dou com desembaraço e justiça, o testemunho dos grandes beneficios que me tem proporcionado na clinica.

Dr. Luiz Barbosa.

.excellente tonico nervino e hematogenico, applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Dr. A. Austregesilo.

.este preparado é um dos melhores que conheço pela sua efficaz acção tonica.

Dr. Rodrigues Lima.

.me tem sido dado constatar em doentes de minha clinica, os beneficos efeitos do Vinho Tonico Reconstituente Silva Araujo.

Dr. Henrique Roxo.

Dentre os productos similares destaca-se o “Vinho Reconstituente” de Silva Araujo.

Dr. Nascimento Gurgel.

.numerosas são as provas que, desde longo tempo hei colhido de sua bemfazeja influencia tonificante sobre o organismo.

Dr. Toledo Dodsworth.

ARLEQUIM

CONTTO DE ARLEAVIM

MEIA RUSTIDA

São João do Piquiry é uma cidade pequena que se espreguiça pacata entre duas collinas mediocres, á margem de um riacho modesto.

Vinte ruas, a banda, a pharmacia e o prefeito.

No largo, a Matriz, vasia e tosca, onde tonitrôa inutil, aos domingos, a eloquencia sagrada de um vigario confuso.

A loja do syrio, o grupo, e uma poeira vermelha, fina e leve, a desmoralisar a fachada das casas e a energia dos homens.

Era tarde.

A vida morrera em São João do Piquiry quando o cinema acabara e os casaes cansados procuraram, sem pressa, a vulgaridade macia dos leitos legaes.

A lua redonda passeava solitaria pelo espaço infinito espiando o somno dos homens e o ganir dos cães.

Dormia São João do Piquiry.

Apenas o Professor Chrysostomo Cruz, do Grupo Escolar, arrastava, abstracto, pelas ruas escuras, a sua alma absorta numa tragedia vulgar. Espirito culto, o Professor era uma perversidade absurda da natura impiedosa. Entre dois olhos accesos um nariz tuberoso sob a brancura regular de uma calva cuidada. Um ventre irrisorio. dois metros de altura.

E Chrysostomo Cruz, enlevado e burlesco, caminhava sem rumo pela cidade deserta.

Afinal sentou-se no chão e começou a lêr. com tristeza a carta que resumira suas esperanças frustadas de uma vida melhor.

P O R

P E D R O S O

D ' H O R T A

"Professora LUIZA FARIA NETO,

*Grupo Escolar de São João do
Piquiry*

Escrevo-lhe, Professora, sob o imperio envolvente de uma emoção violenta.

Ha muito tempo a vida ensinou-me a não esperar dos homens a menor justiça ; sei que o egoismo é a base dos nossos affectos e attribuo á loucura os actos generosos cuja causa ignoro.

A sua, entretanto, Professora Luiza, ridicularizando-me perante o Inspector Escolar, em sua casa, ferio-me fundo o coração. Não é crime, Professora Luiza, usar-se meias vermelhas tarjadas de azul e uma intelligencia larga deve comprehender que as meias, como nós, estão sujeitas aos mais lamentaveis e imprevistos accidentes.

Deploro suas ironias mesquinhas e, ja agora, quero perder-me definitivamente no seu conceito dizendo-lhe que a amo.

E, como nunca mais lhe escreverei, peço-lhe que acolha com carinho esta confissão simples e sincera de um pobre homem pobre.

Ha 45 annos vim á superficie do planeta na penumbra humida de um porão vasio.

A minha ascendencia, obscura e complexa, foi ponto controvertido e declarado insolúvel pelos parentes de minha Mãe.

Ella havia fugido de casa, nunca se soube com quem e voltava commigo abandonada pelo raptor. E por isso, Professora Luiza, minha infancia, incolôr e fria, correu morosa entre a monotonia da escola e o desprezo dos meus.

Cresci como herva ruim de que só se cuida para maldizer.

Dormia num catre, na escuridão do sub-sólo, que a minha imaginação doentia povôava de phantasmas bizarros.

Ia cêdo ao grupo com a alma inquieta, cheia do terror dos mestres, temendo os collegas que me maltratavam.

Eu era o "barriga d'agua" — feio e fraco — por causa d'este ventre hydropico com que nasci. Jantava á noitinha, com os creados, e, de cambulhada com a sopa réles, a cozinheira me ministrava supapos e beliscões doidos que me agoniavam o corpo e o espirito, que me faziam covarde, ranco-roso e submisso.

Depois do jantar arrastava a minha pallidez pelos cantos da casa, desmoralizado e sujo, fugindo ao opprobio de um encontro com as tias. Assim vivi 10 annos; e, ás vezes, recordo-me delles com saudade porque não era de todo infeliz. Só, no quintal, ou na rua, e principalmente no quarto, quando a noite era clara, a piedade infinita que eu me inspirava aquecia os meus membros descobertos.

E puxando para o pescoço esguio o cobertor esgarçado eu me sentia incomprehendido e bom, e dormia com saudades do Ceu que eu acreditava um lugar de caricias suaves.

Ah! professora Luiza, si a senhora soubesse o que é a fome de caricias...

Esse desejo louco de ter alguém que nos afague, que nos queira, que nos anime, que pense um pouco na gente.

E nunca houve ninguém capaz de alisar, por caridade, com a palma da mão, a minha face amarella e magra. Um dia faltou-me a paciencia.

Foi sem razão e derepente.

Como se falasse, na escola, em nome de familia, disseram-me que Cruz eu tinha tirado da gente de minha Mãe e perguntaram, sorrindo: "— qual era o nome de seu Pae?" — Meu Pae... meu pae... mas eu nunca tive Pae! Sou Cruz... não chega ser Cruz?... E, como a galhofa se generalisasse, perdi a cabeça; senti que meus olhos se avermelhavam, que o cerebro ficava pequeno, escuro, e uma porção de sangue me subia ao rosto.

...A respiração presa a garganta apertada... E quando me subjugaram eu tinha os olhos pisados e um filete de sangue me escorria da bocca. Fui expulso de casa por ingrato e indisciplinado.

O que foi minha vida d'ahi por diante não vale a pena lembrar... mesmo porque um pária não vive.

Emfim, formei-me. E vim para cá.

Aqui, minha vida regular e simples tinha encantos ligeiros; e, como detesto os homens, vivi bem com elles.

O silencio d'este deserto em que os camellos não jejuam acalmou pouco a pouco os meus nervos gastos e comeccei a ser feliz.

Pela manhã, a escola: com o respeito das creanças e a indifferença dos collegas.

Depois, um almoço frugal na minha casa pequenina e limpa; a césta suave na quietude amena do jardim; um passeio á tarde pelos campos, e as horas doces de reflexão na calma das noites que fugiam.

Era feliz, Professora Luiza; nada pedindo á vida, a vida nada me podia negar.

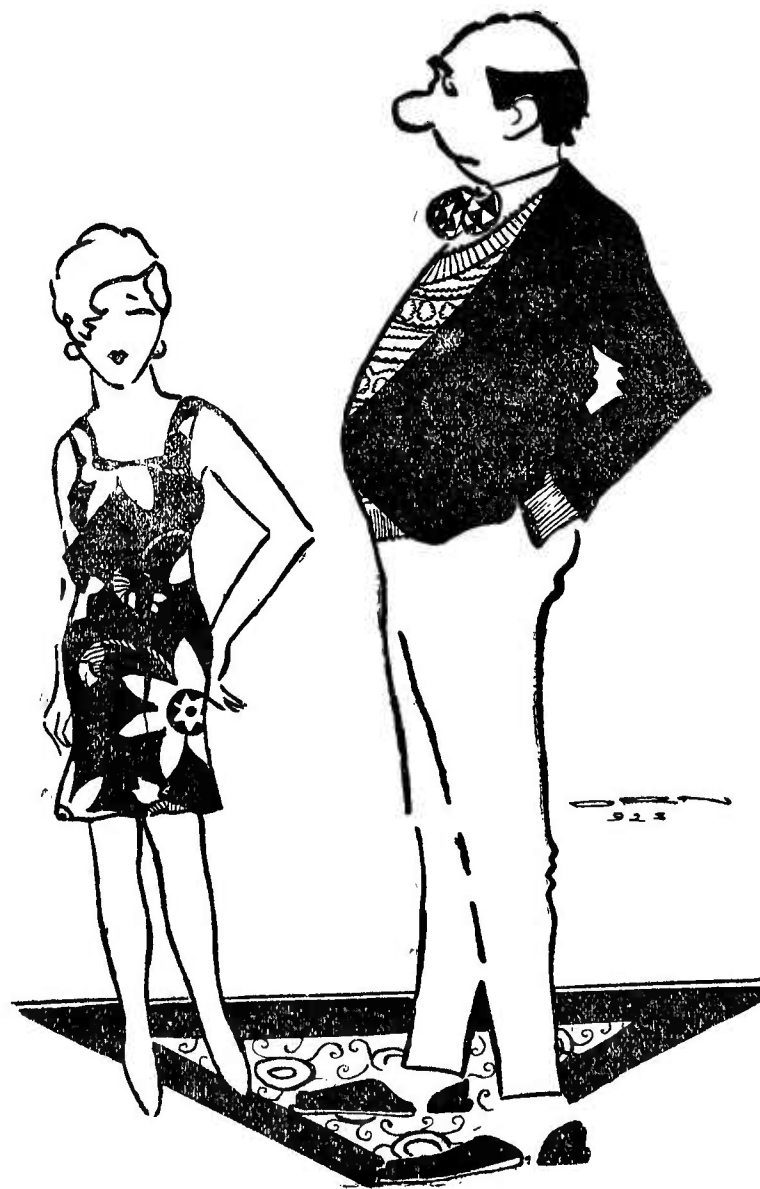
Do amor conheci apenas o caldo ralo que custa uma dezena de mil réis para os velhos e para os monstros. Alias, durante muito tempo procurei ignorar o resto. Dizem os poetas que elle é uma maravilha. mas os poetas devaneiam e... nunca teem um ventre hydropico como eu.

Philosophia. Professora Luiza; a senhora ja notou que os calvos são sempre philosophos?

Mas, não importa; eu era feliz.

Foi nessa época que a senhora veio para São João do Piquiry, desassocegar e colorir a existencia morna d'este pobre diabo.

Vi-a, na Directoria do Grupo, no dia da sua chegada, distrahida e linda, olhando o pateo pela janella aberta enquanto o Inspector não chegava. O sol batia-lhe de cheio no



rosto moço, e fiquei allí, abobado e tonto, olhando-a como se visse um animal estranho.

E o sol, que lhe lambia com volupia o corpo fino, aperlado naquelle costume azul-marinho, dansava uma dansa exquisita na perola dos seus dentes. De então para cá vivi como vivem os seres que viram mulheres como a senhora.

Amei-a. Muito e muito, sem nada dizer, quasi com raiva. Sabia que a senhora não podia gostar de mim... Faltava comsigo.

Não sou platonico, Professora Luiza, não posso ser e ja me surpreendi olhando estrellas a pensar na senhora.

Ha quinze mezes que isto dura; que minha vida são os minutos em que a vejo.

E teria sido sempre assim, que sou timido, caso a senhora não me houvesse machucado por causa de um juro nas minhas meias espantadas.

A senhora foi má, a senhora foi mulher.

Adeus, Professora Luiza, deixarei de importuná-la. Entretanto saiba a senhora que sempre estarei ao seu dispor. Poupe-me o ridiculo de pedil-a e m casamento... mas, eu sou cousa sua.

CHRYSOSTOMO CRUZ."

Terminada a leitura o Professor deixou cahir os braços e não percebeu duas lagrimas ingenuas que lhe corriam pela face.

Levantou a cabeça, depois, e sentio-se calmo, muito calmo, vendo a lua clara na escuridão do Ceu.

Elle precisava resolver aquillo. Ella lhe recusara a carta, paciencia um homem não podia se entregar assim.

E do inconsciente de Chrysostomo subiram insinuações tragicas de suicidio.

A morte. a morte com certeza não seria madraستا como a vida.

E Chrysostomo resolveu sahir com elegancia e violencia d'este mundo de Christo e outras divindades menos importantes.

A morte seria a paz. Certo de se suicidar elle acalmou-se inteiramente e os nervos distendidos fizeram lhe sentir que ainda não havia jantado... A fome a "eterna sobrevivente de todas as desgraças humanas".

E o Professor Chrysostomo Cruz do Grupo Escolar de São João do Piquiry lembrou-se de uma gallinha frita e recheiada que descansava no armario da cozinha. E meia hora depois fazia a digestão da ave, das lagrimas, e das insinuações tragicas que o inconsciente lhe insuflara.

Dois annos mais tarde o Professor Chrysostomo Cruz escrevia o seu celebre livro:

«Do estomago como regulador de emoções amorosas»

SYPHILIS ?

Hydrargon Ehrlich

SYPHILIS ?

Gottas — Injecções

Unica medicação mercurial em cuja formula está corrigida a DEPRESSÃO NERVOSA pelo MERCURIO

Injecções indolores e de absoluta tolerancia e efficacia

Vendem

R. HESS & GIA. RIO
Rua 7 Setembro, 63

Mais de 4.000 attestados medicos dentre os quaes dos professores Miguel Couto, Rocha Vaz, Austregesilo, Abreu Fialho, Henrique Roxo, Ed. Magalhães, etc. etc.

Vende

O. MONTEIRO S. PAULO
R. Libero Badaró, 87

“Senhor Delegado . . .”

Foi, ha poucos dias, em uma igreja da cidade.
Uma senhora de
passado escabroso

e presente regular ia á casa do Altissimo pedir-lhe perdão pelos muitos peccados outr'ora commettidos. Levava a alma cheia de remorsos, coração constricto, e um desejo grande do pedir ao sacerdote que mais uma vez lhe assegurasse a entrada no reino da bemaventurança.

Vestido preto, livro e terço. Nervosa, olhar desconfiado, penetrou a igreja. Foi ao altar-mór. Foi ao altar do Santissimo Sacramento. Rezou. Rezou muito. Chorou. Foi a outro altar. Foi a todos os altares, sempre chorando, sempre rezando. Depois, foi á porta da sachristia. Olhou o quadro e leu: “Frei Fulano, Frei Beltramo, uma porção de Freis” Escolheu um qualquer. Palpite. Apertou o botão. Esperou nervosa. Para não esperar foi rezar outra vez. Ajoelhou e abriu o livro. Correu os olhos ligeiramente pelas paginas encardidas. Resolveu a fechal-o novamente. O terço começou a correr-lhe pelos dedos. A todo instante aguçava o ouvido e olhava a porta da sachristia. Silencio. Imobilidade. E o terço a correr-lhe pelos dedos. Subito um ruido. O coração pulsou-lhe mais forte. Ergueu-se. Ia para o confessionario quando alguma coisa pesada bateu-lhe em cheio na cabeça. Um grito. De maio. Passos rapidos. Silencio outra vez. Quando voltou a si estava deitada num grande sofá.

Alguns frades, em volta, resavam. Ether.

Abriu os olhos. Olhou os frades e olhou as paredes. A um canto, um São Pedro sorrindo parecia dizer: “Cuida bem da alma e abrir-te-hei todas as portas do céu”

Ficou indignada. Berrou. “Onde estou?!” Berrou mais. Nomes feios: passado.

— “Cálma, minha filha, não foi nada”

Levantou furiosa, e, sem dizer palavra, correu á igreja. Jogou ao chão o terço e o livro. Lançou um olhar de desafio aos santos, e sahiu. Um sachristão e um frade, acompanharam-na. Parecia louca. Andou muito. Ao dobrar uma esquina viu que era seguida. Apressou o passo. Derepente, parou. O frade muito delicadamente: “Minha senhora. ”

— “Vou á policia” E foi mesmo. Sachristão e frade foram tambem.

Entrou agitada. Dirigiu-se ao gabinete. “Pode entrar, minha senhora” E ella olhando o frade e o sachristão: “Sigam-me” E a porta, pe-sa--da---men---te fechou-se-lhe nas costas.

“SENHOR DELEGADO. ”

E contou toda a historia. Inventou.

“Foi a imagem de Christo que desprendendo-se da cruz bateu-lhe em cheio na cabeça. ”

E as autoridades estão até agora sem saber se hão de processar o

ou si processarão a imagem do

FRADE, O SACHRISTÃO,
CHRISTO.

MASCARA DE COLOMBINA

A senhora elegante e a chicara de chá

A CHICARA DE CHÁ (*Grande e quente como uma bocca cheia de volupia*). E você não se cansa de vir aqui, todas as tardes, beijar-me com uma soffreguidão desconhecida para mim... Sou feliz porque sinto os seus labios pintados e bons, todas as tardes, sobre mim ao som de tangos dolentes e tristes como o olhar de uns olhos que morreram para a gente... O violinista é sentimental, ou por conveniencia da praça, finge sel-o, o que dá na mesma... Mas soffro. Você me tráe. Você me beija a olhar (com que olhar!) aquelle rapaz elegante, hirto, timido talvez. Talvez sentimental...

A SENHORA ELEGANTE (*Apparenta uns 30 annos feitos por diversos institutos de belleza*) Ora deixe de tolices... Você não sabe que o ciúme está fóra da moda como os cabellos compridos? Você está passadista demais... Você me fala numa linguagem esquesita, incomprehensivel quasi. Traição. Fidelidade. Que é isso, afinal?

A CHICARA DE CHÁ (*Num tom melodramatico de discurso solemne*) Ah! é por isso então que emquanto seu marido...

A SENHORA ELEGANTE (*Aborrecida elegantemente*) Não me fale nelle, pelo amor de Deus... Esse senhor só existe no fim do mez para pagar as contas... Meu marido! Você deve comprehender... O marido — como todas as coisas desejadas que a gente consegue — não interessa mais depois de certo tempo... No começo ainda vá... Depois...

(A senhora elegante leva a chicara aos labios — a chicara quente como uma bocca cheia de volupia — fitando certo rapaz elegante (tão mais moço do que ella!) e que tambem, jinge tomar chá. Nos

(Num salão de chá que, como todos os salões de chá que se prezam, tem umaporção de mesas, uma orchestra com um violonista convencionalmente sentimental e os clientes... Os clientes já se sabe quaes são vestidos caros isto é: mulheres... Bonecos de carne, isto é: homens... E ha tambem os "garçons" — compendios vivos de psychologia. .).

salões de chá, muito mais do que chá, toma-se amor. Amor fluido que anda no ar e nos soluços commerciaes do violino da orchestra).

A CHICARA DE CHÁ (*Cacête como uma criatura ciumenta*) Tenho pena de seu marido. A esta hora de "flirt" para você elle anda atarefado, a fazer pagamentos num banco talvez, a dictar uma carta commercial quem sabe ou pensando no presente que levará, com uma alegria nos olhos papaçudos de homem gordo e negociante matriculado, para casa, antes do jantar...

A ORCHESTRA DO SALÃO (*Em bemol confidencial*) Que coisa horrivel... Ainda não são 7 horas.

OS "GARÇONS" (*Tratados de psychologia em carne e osso*). Aquella mulher já madura... Aquelle rapaz quasi imberbe.

A SENHORA ELEGANTE — Se assim fôr, elle estará cumprindo um dever elementar de esposo... Pra que a gente tem marido senão para isso?

UM DOS "GARÇONS" (*Indiscreto*) Para que?

A CHICARA DE CHÁ (*Vencida pela logica absurda de todas as mulher e por "blague"*). Não tenha remorsos, não No escriptorio de seu marido ha dactylographas interessantissimas...

A SENHORA ELEGANTE (*Ferida no seu amor-proprio de esposa modelar*) Ah! traidor! Vou requerer o divorcio..

(Tirada theatral de effeito seguro. E sáe. A poucos passos do salão o rapaz quasi imberbe (tão mais moço do que ella) esperava-a para raptal-a na gaiola do elevador... A imagem é linda, mas deve ser de Guilherme de Almeida...)

W a l t h e r B a r i o n i

RETRATO

carvão

de

Ernani

Dias



I R O N I A

Tenho pena de ti, porque és ingenua, e vejo
que crês no meu amor, nas juras que te faço,
no carinho sensual do meu abraço,
na voluptuosidade do meu beijo.

Tenho pena de ti, porque acreditas
nos versos mentirosos que te escrevo,
e que sabes de cór, e que recitas
com enlevo.

Tenho pena de ti, que és sentimentalista,
e vaes chorar, talvez, quando souberes
que, pra mim, ja perdeste o sabor da conquista !
E a conquista é tudo que amo nas mulheres.



ASSUMPCÃO FLEURY

ARLEQUIM



Em Jaboticabal por ocasião dos festejos commemorativos do Centenario da fundação da cidade.

Em cima, senhoritas da barraca "Primavera," e uma das mais interessantes nos festejos commemorativos do centenario de Joboticabal, promovidos pelo Dr. Joaquim Baptista Ferreira, prefeito d'aquella cidade.



Pessoas que tomaram parte no baile do "Tennis Club"



Aqui, entre duas senhoritas o Sr. Francisco de Moraes Barros, nosso amigo e distinto academico de Direito.

SENHORITAS QUE FIZERAM
PARTE DA BARRACA DE
"INVERNO"

(NOTE-SE QUE INVERNO
AGRAVAVEL)



GRUPO DE MOÇAS.
PORQUE RAZÃO SO' UMA ESTARA' SENTADA?
(E QUE UMA

6

BONECAS QUE CERTAMENTE
SABERÃO DIZER UMA
PORÇÃO DE COISAS SUAVES
E ENCANTADORAS.



ARLEQUIM



*Aspecto de
uma
festa em
Jahú
linda terra
e boa
gente.*

CINCOENTA DIAS

Foi no dia 20 de junho que deixamos esta paucicéa exquisita e que num pulo através a noite chegamos com o sol a Rio Preto. Melhor fôra que chegassemos sozinhos... Rio Preto é a *cidade dynamismo* na expressão expressiva do nosso Goulart. Por toda parte um vae-vem continuo que nos faz pensar ser o dia pequeno demais para conter tamanha actividade. Pelo menos para a nossa foi pequeno que aquelle era o da nossa estréa. 21 horas.

... O dr. Felix, passeia, agitado, pelo palco, decorando, em ultima analyse, a sua duzia e meia de papeis. O Goulart e o Horta, pregando, de smoking, as bambolinas do scenario, discutiam ainda sobre a organização do programma. O Candinho, desolado, olha o piano que não pode ser collocado no palco e... dá o primeiro *estriilo*. E o Assumpção, que, alem de poeta, declamador e actor, era bilheteiro, estava engaiolado conferindo os sellos da collectoria.

"Primeiro signal". "Segundo signal". "Terceiro signal". "Vae ter inicio o primeiro espectáculo da Caravana "Arlequim" e primeiro que ella organisa nesta cidade de Rio Preto sob o patrocínio do "Automovel Club" desta cidade. E sae, á ribalta, o dr. Theotônio Monteiro de Barros Filho, presidente do Club, e a quem seremos sempre muito gratos, e diz em poucas e lindas palavras o ideal que nos tinha levado até lá. E, em se-

guida, Pedroso d'Horta agradece, em nome da caravana, á cidade, ao sr. prefeito e vice-preceito municipaes, ao dr. José Noronha, que foi muito por cento do nosso successo, e ás senhoritas Mariinha Jorge, Mariinha Jalles, Eponina

Jalles, Alcina Amaral, Olinda Barbour, que são as donas da nossa gratidão. Sobe o panno. Inicia-se o espectáculo. Trez partes.

E por fim o Mauricio chega e se despede, promettendo continuar a representação na noite seguinte.

Visitamos em Myrasol a fazenda São José, onde a Felicidade fixou residencia e de lá trouxemos esta linda quadra de d. Cybelle Pacheco :

"Lembrança de um lindo dia, em que tão garbosamente "Arlequim" viveu com a gente numa encantada alegria."

Ao baile que á caravana foi offerecido pelo "Automovel Club" affluu todo Rio Preto elegante. A sua directoria os nossos agradecimentos.

Pela madrugada de 25 partimos para Taquaritinga, que estava tão bonita como o dia que



O nosso grande e querido amigo Antonio Gouvêa, cuja voz é a mais linda voz masculina que "Arlequim" conhece em S. Paulo.

nos recebeu. A' noite visitamos o dr. Jacyntho de Souza, em cuja residencia h6spitaleira, passamos horas agradaveis.

Na noite seguinte um cha dan- sante em hom6nagem 6 caravana promovido pelas senhoritas Eug6- ninha Porto, Nicota, Dalila e Ma- thilde de Oliveira, Mathilde Men- deleh, Cleide Pastore, Yolanda Gama, que foram ainda as nossas grandes auxiliares. O nosso es- pectaculo, alli, realizou-se sob o patrocinio da sra. Amelia Porto, d.d. esposa do sr. Luiz Porto, vice- prefeito da cidade. Deixamos Ta- quaritinga recitando os versos do dr. Felix :

“Para que nunca se extinga
daqui a nossa impress6o,
levamos Taquaritinga
inteira no cora6o”

Estamos a 27 de junho. Se- guimos, pela manhan, de automo- vel para Jaboticabal. Natureza. Paisagens. Respira-se a vontade



A “Caravana” em S. Carlos, ao centro o Snr. Paulino Botelho, prefeito, daquela cidade. Senhores, moças e rapazes em companhia dos caravanistas de viver. Ap6s 50 minutos, a cidade governada pelo dr. Joaquim Baptista Ferreira e que est6 feste- jando agora o seu primeiro cen- tenario glorioso de funda6o.

As cidades do interior paulista se parecem todas umas com as

outras Ruas bem cal6adas, novas residencias bonitas, bellos jardins e o conforto gostoso dos grandes centros.

Espectaculo e baile. E a nos- sa gratid6o 6s senhoritas Jandyra Buck, nossa patrocinadora, Oscarina Doce, Evangelina e Bellinha Telles, Rosa e Yolanda Adalla, e um muito grande e muito especial agradecimento 6 sra. Marion }Jo- aquim Baptista Ferreira.

Dia 29, Barretos. Antes de chegar, a natureza nos mostrou isto : um por de sol sublime, pin- tando no horizonte a maravilha das c6es. Ao longe, a silhueta triste de um tronco sem vida. Velho tronco ! V6s a beleza que te ro- d6a, sentes o perfume da tarde e no luto da tua melancolia es como que um lamento da terra, sombra que j6 foi vida. E a tarde conti- nua a cahir sobre a molleza somno- enta e morna do ponte.

Barretos. Encontro com ve- lhos amigos. A caravana parece que ser6 augmentada : est6 na cidade o Figueirinha, Jos6 Andrade Figueira, velho conhecido. De fa- cto, a caravana foi augmentada !

Mil vezes obrigados em Bar- retos 6s senhorinhas : Zilda An- drade Diniz, Aurea Lara, Maura Barcellos, Maria de Lourdes J. de Andrade e Palmyra Carvalho.

Depois, Araraquara, S. Carlos, e uma por6o de outras cidades, das quaes diremos muita coisa no nosso proximo numero.



Uma bella festa gaucha organizada pelos moços de Jaboticabal.



ARLEQUIM



Assumpção

Fleury



Elvira Gimenez

da sociedade de
Araraquara



A Senhorita Bellica Canto,
da melhor sociedade de Piracicaba



J. G. Villin,
que não foi com
a Caravana e
pelo qual to-
do o interior perguntou

Dra. Carmen Escobar Pires,

illustre medica brasileira

que acaba de ser

recebida

pela Faculdade

de Medicina de São Paulo



Assovio

*Assoviei dentro da matta ,longamente
a canção magica
que um feiticeiro me ensinou, um dia.
E ha tal poder nessa canção,
que todas as cobras, de repente,
vieram dansar em derredor de mim,
o baillado verde da illusão!*

Pitangas

*Fui ao matto colher pitangas,
para offerecer a minha namorada.
Em devaneios de amor andei errando,
sem encontrar uma pitanga, ao menos.
E, para não voltar com as mãos vazias,
féri as mãos nos gravatás ;
e ao vel-as pintalgadas de sangue,
tive a rapida illusão
de trazer a minha namorada
um punhados de pitangas.*

Uma historia de amor

No sagrado relicario dos meus dias felizes - nos bons tempos de moço, que muito longe andam - ha uma historiazinha de amor, nascida por ocasião dos festejos, que na minha gleba natal se realizavam em homenagem não a Santo Antonio, mas a outro santo tambem padroeiro dos namorados e muito camarada destes. - São Geraldo.

Historia muito banal - como as historias de amor: um sorriso desprehendido de uma bocca pequenina, um olhar communicativo e doce, depois muitos sorrisos que me davam alegria á vida e muitos olhares que me ardiam o peito. Depois... não houve beijos, nem juras de amor. Amor timido e laconico. Reliquia medieval. A minha historia é muito simples, e não podia ter um remate menos singelo: um dia - segundo feria

fatidica - eu fui á estação para vê-la embarcar.

Um ultimo longo olhar, um adeus que não proferi. Um lenço branco a tremular de uma das janelinhas do carro...

Nem saudades ficaram commigo. Nem podia ficar. O que soffri foi uma decepção formidavel: a minha *deusa* embarcou de segunda classe.

Theodoro Mendes

No 48.º Annniversario

Pra

3 instantaneos das normalistas
que encantam a vista da



da Escola Normal da

ça.

gente. e maltratam o
coração. .tambem da gente



*Ainda no
48.
aniversario
da
Escola Normal
da
Praça da
Republica*



*Mais normalistas
Um
mentirosamente
carrancudas,
outras,
mais sinceras, mais
humanas,
sorrindo amáveis*



*para o
photogra-
pho.
Estas já
se conven-
ceram que
vida é
muito boa.
As outras
ainda são
absoluta-
mente
paulis-
tanãs...*

ARLEQUIM



Em cima,
um grupo de alumnas.

Ao lado,
o corpo docente



ESCOLA NORMAL DE SANTOS

ESTRELLA CADENTE

*Dentro da noite a lua põe uns tons de prata
sobre a terra. Luar...*

*Luar... Dentro da mata,
da mata que repousa ao longe na collina,
um regato a cantar
numa voz crystallina...*

Eu admiro esses dois artistas solitarios.

*A lua ,a desenhar
esplendidos scenarios,
e o regato, o rhapsodo que erra pela mata.*

*O que o regato canta, assim, quasi em surdina
é a canção da lua.*

*E a lua, a bailarina,
ouvindo-a, toda, toda se desatavia
e inteiramente nua
e branca principia
a dansar, a dansar...*

*E as estrellas, no céu que todo se illumina,
tecem uma grinalda para a bailarina...*

Em extase eu contemplava o bailado da lua.

*E uma estrella cadente
passou pelo azul ,subitamente,
o olhar incandescente.*

*Em meu olhar cravou-se o fugitivo olhar
que se foi, que se foi para não mais voltar.*

*E eu fiquei deslumbrado a contemplar, no céu,
o ponto em que pra sempre a estrella se perdeu.*

Uma estrella cadente... Uma estrella cadente...

*E o meu deslumbramento
cessa de repente.*

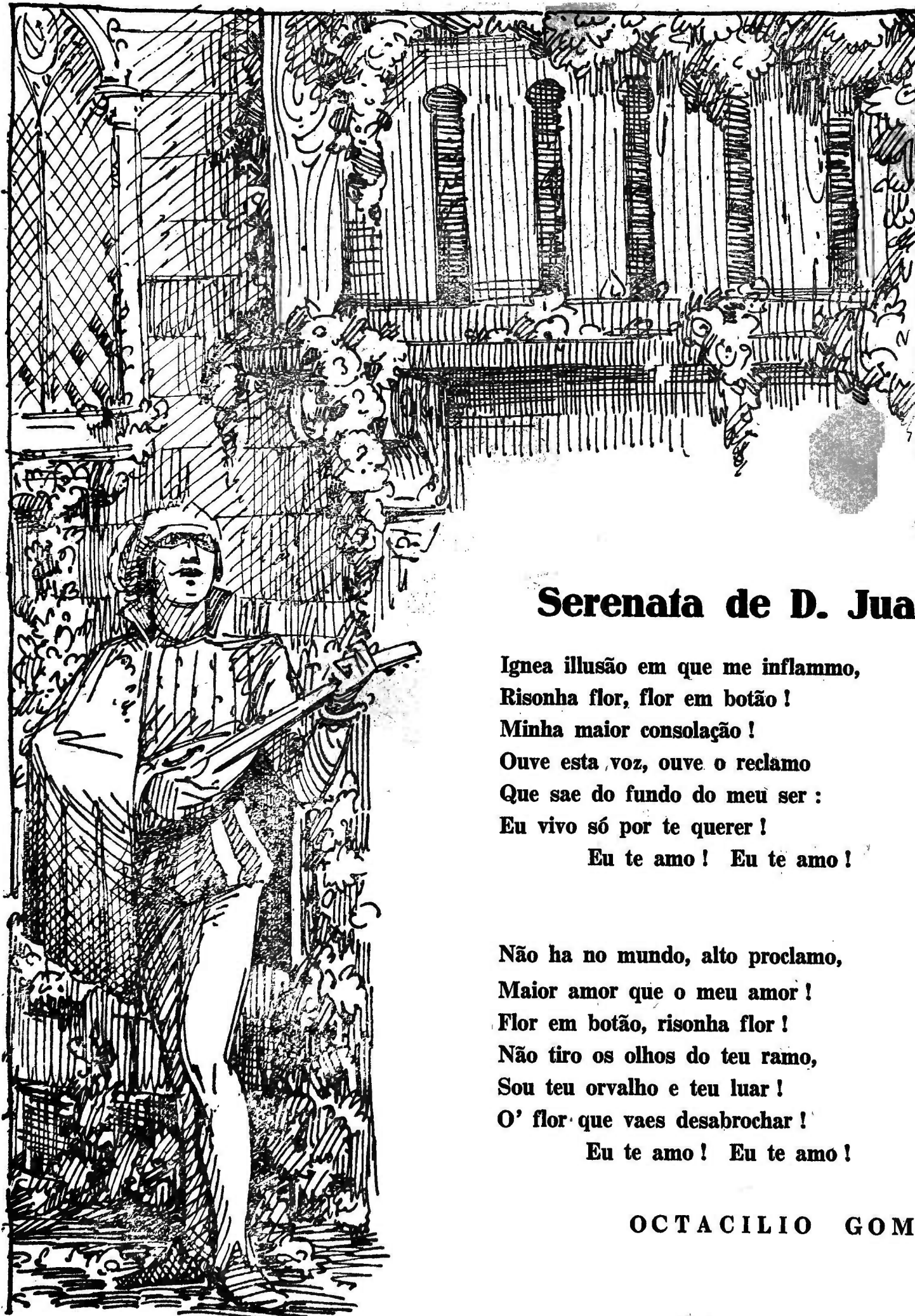
*E' tua imagem, tua imagem que me vem
ao pensamento.*

*Tu passaste por mim, e olhaste-me tambem
por um momento...*

*Mas, se no céu pra sempre a estrella se apagou,
dentro da minha vida o teu olhar ficou.*

*Por isso, quando eu vejo uma estrella cadente,
de ti me lembro
derepente.*

RENATO TOLEDO



Serenata de D. Juan

Ignea illusão em que me inflammo,
Risonha flor, flor em botão !
Minha maior consolação !
Ouve esta voz, ouve o reclamo
Que sae do fundo do meu ser :
Eu vivo só por te querer !
Eu te amo ! Eu te amo !

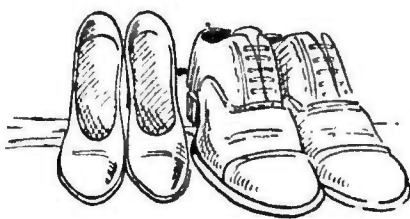
Não ha no mundo, alto proclamo,
Maior amor que o meu amor !
Flor em botão, risonha flor !
Não tiro os olhos do teu ramo,
Sou teu orvalho e teu luar !
O' flor que vaes desabrochar !
Eu te amo ! Eu te amo !

OCTACILIO GOMES

O poema

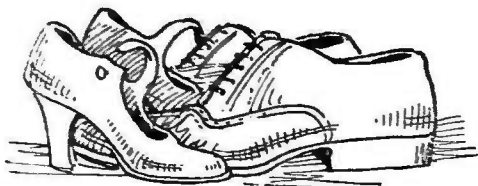
Baby já tem uma intuição da beleza:
Leva os pés á bôca e os beija com satisfação.

Compassam-se os pés, depois os sentimentos,
Depois as vontades. O acordo é amor.



Os rés falam e dizem o que sentem..
Ligeiros, ligeiros... lá vão a um "rendez-vous" de amor.
Quando esperam o amor, como esperam firmes!
Quando o amor chega, como costumam estar de pé...
Lentamente, lentamente, vão a despedir-se..
Vão ao cemiterio... Como vão tristes, tristes.

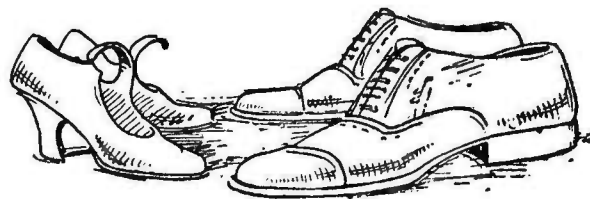
A dança é o namoro dos pés:
Elles se dizem coisas, que, lá em cima, se ignoram
E das quaes, depois, o coração leva a fama..



Sapateado, musica dos pés...
Canta a boca outras canções
Mas sem o mesmo encanto.

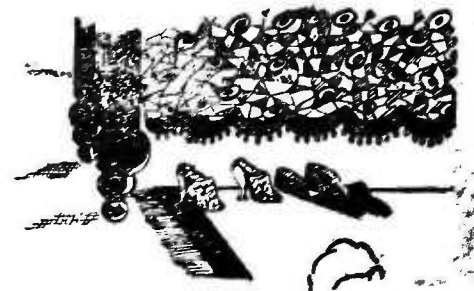
A mulher, nem guardada a sete chaves.
Ao menos, o melhor, o pé, põe o chim num cofre de

Isabel, a Catolica, privou-se do Paraiso
Com a extrema-uncção, por não deixar seu velho conferssor
Tocar-lhe os pés com os santos oleos...
Todos os jovens Fernandos, mesmo sem ser catolico, serão
gratos a tal pudor.



Ao acaso, sob a mesa, nossos pés se encontraram.
Retirei o meu, quasi pedindo perdão,
Mas o outro lá continuou, donde o meu o foi de novo pro-
curar...
A face não mudou de expressão, mas houve um silencio,
Emquanto o pésinho se apertava entre os meus...

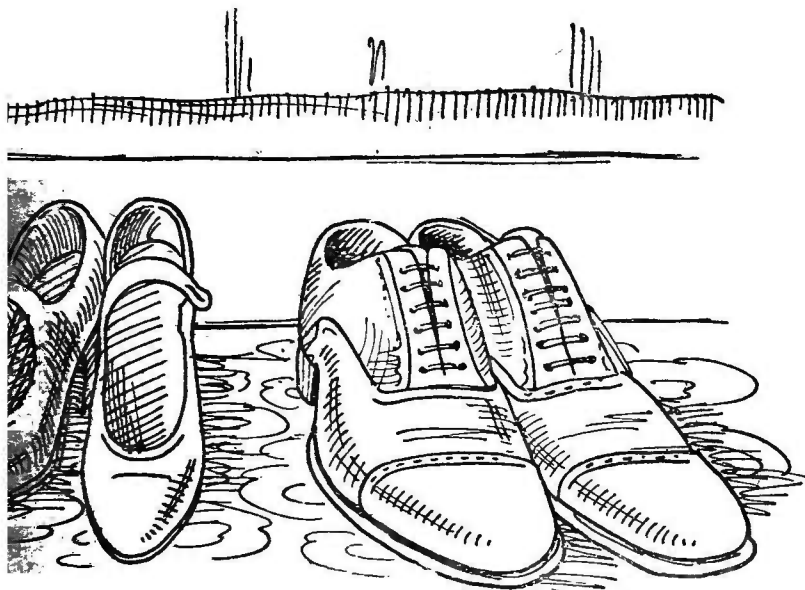
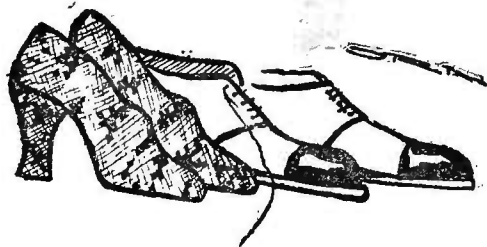
Cabeça inclinada. Busto erecto. Pernas traçadas.
Parece dormir. Parece uma estátua.



dos pés

ARLEQUIM

Move-se apenas, pulsa-lhe, a ponta do pé...
Basta que elle viva... se nella palpita o coração.
Se minha mão pudesse conter o mundo,
Não o quereria ; basta-me contenha um pequenino pé.



Os pés são raizes.. No principio, firmes,
Suportam o sopro do amor, beijos e abraços...
Mas se o vento é forte, cedem até as raizes
E jazem por terra os troncos confundidos.

O corpo inteiro ama. Os olhos que se olham.
Mãos entrelaçadas. Beijos trocados, que aspiram.
Pés que se encontram e se metem uns nos outros.

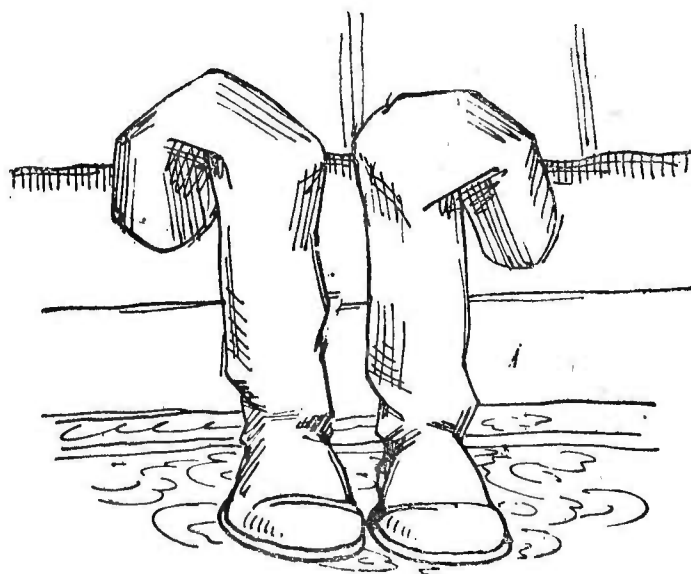
A principio, dois a dois, juntos...
Depois, dois *contra* dois, defronte...
Finalmente, dois *entre* dois, misturados...
Tres preposições e um romance.

Quatro sapatos debaixo da mesma cama,
Casados dois a dois... Qual?! O casamento é em cima.

A' noite, no corredor do meu hotel
Ouço-lhe, á porta dos quartos, as intimas confissões.
...Sapatinhos a sós, á espera de um dia futuro...
Botas tambem sós. Pobre celibatario!
Graves sapatos... gravissimos sapatões, apartados... Oh,
o passado!
Sapatos jovens e botinas moças, juntos... Oh, felicidade!
Passemos depressa, senão, ouviremos os suspiros, que vêm
de dentro do quarto
Dos donos felizes dos sapatos juntos...

A morte e a vida... tudo e nada, entretanto
Para defini-los, basta uma mesma imagem :
Amor, vida, pés separados. Morte, nada, pés juntos...

Afranio Peixoto



ARLEQUIM

TYPOS DE RUA

vistos por J. G. VILLIN

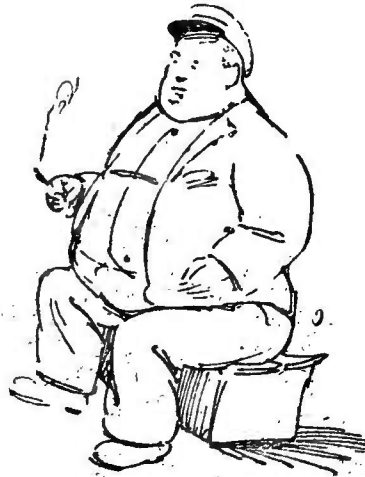


*Um que veio fazer america... vende
laranjas p'ra começar!*

*Aqui está o homem que
sempre é demais para
os ladrões e para os
namorados*



*Philosofa
pessimista
de nossos dias...*



*Este é o 12 a considerar que
papo e ventre são factores
de optimismo.*



*Domingo
Bairo pobre
Roupa nova
Elle encontra ellas!*

*Uma merenda, num banco qual-
quer, por um homem qualquer
que de commum com os outros
tem fome e a falta de dinheiro*



ARLEQUIM

REO

Flyingcloud - Speedwagon - Wolverine

SPEEDWAGON



Para agencias, dirijam-se á

S. A. IMPORTADORAS DE AUTOMOVEIS

Caixa Postal, 3346 — Alameda Cleveland, 49 a 53

End. Tel. "Speedwagon" — Phone 5-1432

S. PAULO

ARLEQUIM

R e o

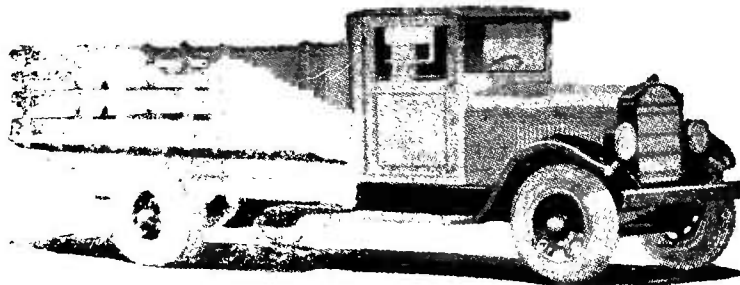
Automoveis

Caminhões

R A P I D O S

E L E G A N T E S

O P T I M O S



AGENTES:

V. Assumpção & Lara Ltda.

**Rua 24 de Maio N. 21
S. PAULO**

Manhã de Inverno

Manhã de inverno! Que arrepio
Vae pelo ar silente e mudo.
De vez em quando corta o ar um assobio
Muito agudo
E lento
Do vento.
Que frio!
Eu, pelos vidros da janella,
Veio o vento a brincar com uma folha amarella
Pendente de um coqueiro muito esguio.
Que frio!
Passam lá fóra homens graves, embuçados,
Caminhando apressados,
De mãos nos bolsos e de olhar sombrio,
Que frio!

Uma neblina,
Muito fina
Desdobra sobre a terra o seu manto alvadio.
Que frio!
Manhã de inverno! Fria, fria!
A minh'alma se angustia,
De indolencia e torpor se sente presa,
Vendo dormir assim tão calma a natureza.
Manhã de inverno! Fria, fria!
Manhã de inverno! Que arrepio!
Perpassa no ar quieto e macio,
Um vento
Lento.
Faz-me tremer num calafrio
Que frio!

D i e n o C a s t a n h o

ARLEQUIM

A Silveira Bueno

De lucto se cobriu todo o convento.
E uma linda mulher, olhos em pranto,
surgiu na nave como o proprio Espanto,
se elle tomasse corpo de momento.

Era elle um frade de invulgar talento.
Lamentava a Irmandade : "Morre um santo !
Mas Deus que tudo sabe, Deus, no entanto,
teve, ao fita-lo, um estremecimento.

E, ao lavrar a sentença, o Ente Superno,
austéro e justo, condemnou ao inferno
o santo monge, o talentoso frade.

— "Quem sois ?" - Satan pergunta, numa venia,
— "Eu sou aquelle que escrevia a Eugenia,
sou Frei Francisco da Simplicidade".



LUCIO
LATINO



O Exmo. Snr. D. Alvaro Veiga,
nos jardins de sua residencia
brincando, por desfastio,
de não chorar!



Lucilio Ancona, nosso querido
amigo e alto funcionario
da General Motors
of Brasil



OBSTINAÇÃO

O campo raso, verde, ondulado, intérmino, continuava vazio: era a verdadeira solidão dos campos centrais de Marajó.

A cabocla morena e forte, apesar do sol escaldante não sentia nem impaciência nem fadiga: esperar era a própria condição da sua existência e ela preenchia esta condição com sublime indiferença. Esperara a vida inteira. Nascera longe dali, na margem maravilhosa do Amazonas. Pequenina, na estreita e miserável palhoça ribeirinha, esperava a embarcação que passa. O cenário grandioso não lhe causava assombro por habitual que era. Os perigos, por muito comuns e desprezados não lhe incutiam pavor. Mas havia em sua vida qualquer coisa sempre inédita e saborosa apesar de muito repetida: a passagem do "gaiola", do "vaticano" às vezes mesmo do vapor, que a prendia aos barrancos da margem esperando... esperando. A passagem fugaz despertara em sua imaginação rudimentar de nativa ignorante, o sentido do sonho, da illusão do longinquo, do maravilhoso... De que paiz de mistérios viria o

navio? Para que aventuras longinquoas vogaria? Quando iria ela tambem para longe, longe, longe?...

Um dia, inesperadamente, viera a aventura desejada: uma montaria a levava com os seus até a ilha enorme onde, no pensar do caboclo, a riqueza era facil.

Nos campos verdeengos de Marajó, Ritinha encontrara uma nova vida, uma nova espera, uma nova solidão. Outrora era a solidão do Rio e da floresta, a espera da embarcação que passa; agora era a solidão da campina e a espera do vaqueiro que tarda. Porque Ritinha encontrara no campo a aventura que esperava do Destino, a mais banal, a mais linda das aventuras: o Amor. E que amor curioso e rústico, amor cheirando a resina da floresta e aervas aromáticas do campo, com a polpa macia, o sabor exotico, e o travo acre do bacury cheiroso, amor rude e forte, ingênuo e violento, feito da obstinação e do silêncio, aprendidos da própria natureza, que bizarro aquêlo amor imprevisito da cabocla ribeirinha e do vaqueiro campezino!

Ela, acostumada a dominar a correnteza rebelde não cedia á vontade ferrea do ferrador de touros, do domador de corceis. E o rude amor continuava entre borrascas de cólera indômita e calmarias terriveis de teima fria e silenciosa.

Mas a própria força do sentimento tiranico e do instinto torturante, fazia as reconcilhações tácitas entre aquelas naturezas rebeldes e primitivas.

Naquela manhã Ritinha esperava João Vicente. Mais uma vez, impellida por uma força implacavel, tornava aos antigos encontros. Quanto tempo duraria o novo entendimento? O pensamento inquieto ruminava as complicações do sentimento novo, tão esquesito, que a fazia voltar docilmente ao vaqueiro apesar das coleiras mais negras, quando o proprio João Vicente surgio ao longe na planicie escampa. Ritinha foi ao seu encontro num mixto de alegria e de

constrangimento, lenta, lenta, como que arrependida já de ter vindo; a saudação embaraçada, sem efusões, estava como que ainda toldada das desavenças recentes. Entretanto uma resolução inabalável brilhava no olhar resoluto do homem. Era de poucas palavras, acostumado ao silêncio e á solidão do campo, e foi direito ao fim. A cabocla, se bem lhe queria deveras, que apressasse o casamento. Aquilo não era vida, não podia continuar ássim, hoje uma briga, amanhã uma teima. Que decidisse, afinal.

A mulher sobressaltou-se rebelada, quasi sufocada pelo imprevisto da situação. O temperamento indomável impelia-a á revolta, mas um vago receio de perder definitivamente o seu homem ha pouco reconquistado deteve-lhe as palavras altaneiras na boca. Vacilou, remoendo a sua indecisão momentanea, para ganhar tempo, evasiva, prometendo vagamente: ia pensar, ia falar ao velho. responderia amanhã.

Lado a lado, pelo campo luminoso, volviam em demanda da fazenda, quando súbitamente João Vicente estacou. Acabava de avistar dois búfalos bravios.

— “Vamos, homem” tornou a cabocla, ignorante das coisas do campo; mas o marajoára experimentado explicou simplesmente.

— “Eles vão brigar”

Ritinha fixou-os incrédula. O animal mais próximo, o que melhor podia observar, estando o outro a distancia consideravel, tinha um ar calmo, displiscente, dir-se-hia quasi distraído. Na sua attitude pacifica de boi manso, de olhos languidos e tristes, nada havia de violento e belicoso. Largo tempo, alheios até mesmo pelo olhar, guardaram uma indiferença completa, até que lentamente começaram a escarvar o chão.

— “E’ agora” - disse simplesmente o vaqueiro.

No mesmo instante os dois animaes soberbos abalaram em carreira vertiginosa, louca, e num estrondo deu-se a colisão horrível: chifres partidos, frente contra frente, os jarretes distensos, as patas firmemente fincadas no solo duro, lutando num prodigio de força, nenhum dos dois cedia terreno num milagre de obstinação e de tenacidade.

Ritinha, com a respiração opressa, as pupilas dilatadas pelo assombro, assistia como que estarecida á luta titanica. De repente, des-

pertando daquela mórbida letargia, rogou, angustiada.

— “Homem, va separar os bichos”

O marajoára, afeito aos modos barbaros dos bufalos, abanando a cabeça serena, explicou num sorriso de ironia. Aquilo era assim mesmo, não havia geito. Qualquer intervenção estranha seria ineficaz: nem mesmo a pancada rija de um grosso pau resistente separaria as duas frentes soldadas por uma força obstinada. Ficariam assim muitas horas, até o anoitecer. E a cabocla, relutante, seguiu o seu caminho, impressionada, incrédula.

De tardinha, Ritinha e João Vicente buscaram novamente o terreno da peleja. Nada havia de novo: as cabeças soldadas, os jarretes distensos, as patas cravadas no solo, continuavam na mesma posição. O instinto obscuro dos animaes prevenia-os de que aquele que cedesse terreno morreria e ambos continuavam a resistencia incrível. Mas ao olhar experimentado do vaqueiro, qualquer coisa de anormal presagiava o final do combate. De repente, quasi ao mesmo tempo os musculos enrijados relaxaram-se, as pernas vergaram e os bufalos tombaram desfalecidos no campo.

A cabocla, até então imovel, sentio um arripio perpassar-lhe pelo corpo jovem. A teima dos búfalos. a sua teima. era assim. A sua vida com João Vicente seria um eterno combate de bufalos de muitos anos, muitos anos, em que nenhum dos dois cedia até que caissem no desfalecimento da morte.

Um grande desanimo, um amargo desgano transbordando-lhe da alma, explicou tristemente:

— João Vicente, nós somos assim. Para que teimar no casamento se temos sempre que teimar na vida? Adeus, homem”

E partio, atravez do campo deserto, pequenina sombra a se diluir no rápido crepúsculo amazônico, agarrada tenazmente á sua selvagem obstinação.

Partio. E entretanto, no fundo obscuro de seu “eu” rudimentar e rústico, Ritinha sentia muito mais terrível a luta formidável de dois búfalos trágicos e possantes. Era a paixão avassalante do amor insatisfeito, que, mais tarde ou mais cedo a faria voltar ao marajoára, e a brava teimosia do seu gênio indômito de cabocla. Combate de bufalos. Afinal, quem venceria, o amor ou a obstinação?

ARLEQUIM



A melhor Cerveja

O melhor Guaraná

Pensamentos diversos

O imbecil diz a uma senhora que ella tem lindos dentes. O Homem de espirito a faz rir...

—::—

O pudor é um sentimento que os homens crêem que as mulheres tem.

—::—

Em todo homem existe a possibilidade do genio, mas a educação e a vida muitas vezes matam essa possibilidade.

NIETZSCHE

A Tricana

Inaugurou-se ha dias em S. Paulo o bar e restaurante "A TRICANA" estabelecimento dos srs. Antonio C. Borges e José dos Santos Pereira, velhos negociantes nesta praça.

Por essa ocasião, os proprietarios do novo e bem montado restaurante receberam a visita de muitos amigos, familias e representantes da imprensa, tendo usado da palavra os srs. dr. Almeida Polycarpo, Elias Ferreira e José Ferreira, 1.º secretario do Centro dos Motoristas, que desejaram aos srs. Pereira & Borges as maiores felicidades.

E o bar restaurante "A TRICANA" montado como está ha de mesmo merecer a preferencia do publico paulistano.

A T R I C A N A

Serviço á la carte

Especialidade em Petisqueiras á Portuguesa e á Brasileira

ABERTO DURANTE TODA A NOITE

Rua Libero Badaró, 77 -- Telephone, 2-3485

“Messieurs Dames . . .”

No passado dia 10 deste corrente mez de agosto, appareceram no palco do theatro Sant'Anna algumas francezas em decadencia e outras em vias disso.

Corpos lambidos pela poeira de



todas as estradas, physionomias judiadas pelo tempo impiadoso, essas senhoras pretendem ter vindo a São Paulo trazer o Moulin Rouge de Paris.

Pois sim!

Se o Moulin Rouge de Paris fosse apenas aquillo que se viu no palco do theatro Sant'Anna, seria caso de se aconselhar á mocidade dos cinco continentes um suicidio em massa, que já não haveria na superficie morna do planeta coisas que pagassem a pena de viver.

Saltos e gritos, esperneios e berros, convulsões e gemidos, não são novidades que interessem a nos

outros que vivemos numa terra de expansões tropicaes.

O mui digno senhor almirante das armadas portuguezas, Pedro Alvares Cabral, descobridor insigne desta terra dadiçosa, se se transportasse á platéa do Sant'Anna, no passado dia 10 deste corrente mez de agosto, talvez, alisando os bigodes illustres e lembrando as habitantes gentis da ilha da Corôa Vermelha, exclamasse compungido: “Nihil novum sub sole” Porque as “Fisher's Girls” e as “Spark Ballet” nada nos trouxeram de novo, ou de tão interessante, que compensassem os trinta mil reis da entrada.

Não queremos, agora, esmiuçar a peça de Mr. Jacques Charles, “Paris á la diable” nem especificar nomes de actrizes, pela razão simples de merecerem todas e tudo os mesmos adjectivos com que brindamos a



companhia: insossa, incolor e inodora. Scenarios pauperrimos. Guarda-roupa pessimo. Algumas francezas, e muitas, porem muitas mulheres de outras nacionalidade.

Afinal vae breve, e de volta, o Moulin Rouge que nos visitou.

Vae certamente satisfeito porque, impressionaveis como somos os annuncios de companhia franceza, de Paris, encheram as sessões até agora realizadas. Duvidamos que voltem, entretanto, e fazemos votos para que isso nunca mais aconteça. Estamos farto de francezas em decadencia que nos fazem descrever das francezas de verdade.

E que ellas levem a certeza que o brasileiro não é mais esse bicho que se açanha ante um corpo mais menos despido, porem distante. E au revoir “messieurs dames”





VALERY

Si eu pudesse dar um conselho á primeira dançarina da Companhia Margarida Max — a uma das primeiras bailarinas dos nossos theatros — dir-lhe-ia para esquecer aquelle barbaro Oeser que pospõe ao seu nome.

Valery e só Valery. E' uma symphonia gauleza, toda feita de graça e movimento, bem adequada áquelle semblante de largos olhos e de narizinho em bico-de-passaro, com toda a graça voejante da gente alada.

O bailado é um desafio á lei do peso. E bailando a Valery parece que se poussa

apenas. Só parece gente, isto é, femininamente mulher quando nos envolve naquelles olhares lambentes, que parecem nos quererem virar pelo avesso, que vem como uma pergunta-prefacio, querendo saber si sabemos, si sentimos, si comprehendemos mesmo.

Chamamol-a e pensamol-a Valery. Acreditamol a franceza, pela finura da sua graça, embora a saibamos austriaca, pela languidez da suas poses plasticas. Para que outro nome, pois? Valery de Valery seria o bastante.

3 estrellas do nosso theatro

Este retrato de Carmen Lobato, assim encarapitada, com as nervosas gambias á mostra, o cabello enroscado em "bellezas" e a boquinha em coração, mostra-nos bem o que ella é: — uma criança grande.

Criança linda e intelligente, tambem. E que ri e sorri para a vida, cujas maldades nem sequer suspeita, mas que sabe comprehendere e sentir o bastante para se affirmar artista de elite.

Está agora na companhia Margarida Max. E tem sido, realmente, um pouco esquecida demais. Vimol-a muito mais e melhor aproveitada no Tro-lo-ló, onde o seu brilho era verdadeiramente faiscante.

Porque deixal-a assim? Porque privar os nossos frequentadores do theatro alegre do trabalho de uma artista tão pessoal e fina? Porque?

Garanto que nem mesmo os directores da Companhia o sabem. Nem sabem nem repararam nisto. Porque si soubessem e reparassem teriamos a Carmen apparecendo mais vezes, com toda a sua radiante mocidade, no repertorio com que a empresa M. Pinto nos quer encantar.



CARMEN

Yvette Rozolen!... É uma mulher-ypsilon, tão elegante e misteriosa como a inicial do seu prenome. E que tem uma subtil suggestão de rosa, como o nome de Rozolen ou Rozolini com que o completa.

Yvette é carioca, a despeito do seu nariz de grega e dos seus olhos rasgados em obliqua ligeira, numa fronte de medalha romana. E da bocca em arco-de-Cupido, á franceza.

Tem qualquer coisa de britannico, tambem. É o

estyllo da sua linha adelgada, é o conjuncto dos seus gestos e attitudes tão distinctamente correctos e puros no ambiente meio desalinhado de uma companhia de revistas.

Yvette affirma-se, antes de tudo, uma actriz cantora. E como tal vemos nella uma Walkyria, perdida nestes tropicos do seculo XX, um motivo wagneriano que se embebeu do saudosismo sertanejo da nossa terra e da nossa gente.

Vimol a representar, tambem. E foi ahi que a linha-symbolo, a voz-figura se affirmou bem mulher, num desdobramento de seducções em que o Ypsilon foi um alfabeto inteiro, do Alpha ao Omega.

S P E N C E R



YVETTE

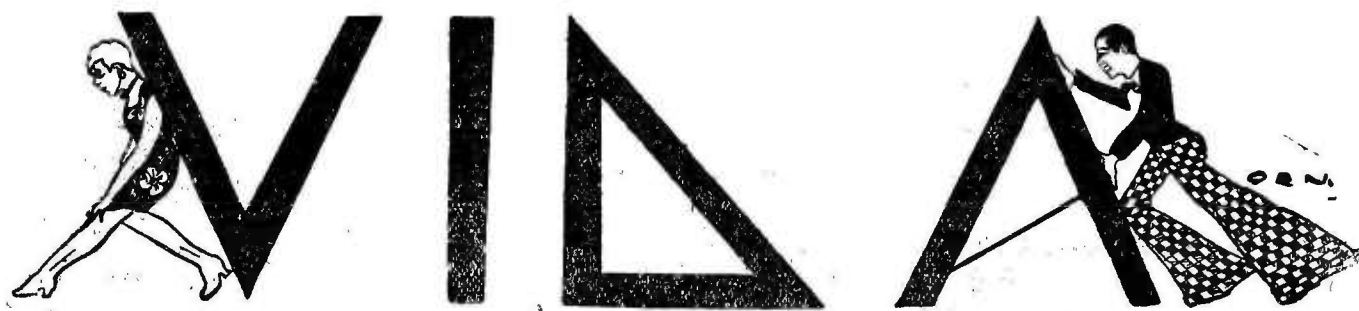


ASPECTO DA INAUGURAÇÃO DO BAR-RESTAURANTE "A TRICANA" QUANDO OS SEUS PROPRIETARIOS SRS. JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA E ANTONIO C. BORGES OFFERECERAM A JORNALISTAS E AMIGOS UM COPO DE CERVEJA.



Menina Má

Menina má! Ouve o que eu te digo:
 Nunca mais faças isso comigo.
 Não se deve brincar com o amor.
 Nem mesmo sendo, como tu, uma flôr,
 a me fazer sofrer
 por capricho ou, quem sabe, por prazer.
 Não. Nunca mais faças assim.
 Sê boazinha para mim.
 Ao menos por remorso, ou por pena
 de teres aproveitado ser querida
 para transformar em pranto
 toda a felicidade, já pequena,
 de alguém que te quer tanto
 e para quem és mais que a própria vida.
 Ao menos por compaixão,
 sê boazinha para mim,
 menina má, me-ni-na má... anjo do meu coração!



O R A T O

Na tarde daquella sexta-feira a Snra. Barrios recebia.

Os seus salões regorgitavam de gente, a mais fina. A mais fina e aristocraticamente rica.

Sob as ramas duma glycinia em flôr, um jazz magnifico. Num blue's interminavel, parés cabeceavam.

Lindamente decotada, a Snra. Barrios — 30 annos passados em institutos de belleza; cabellos cortados e lustrosos á custa de gomina; labios finos, pintados, que eram mesmo uma casquinha de queijo palmyra, e que se arregaçavam deixando ver os dentinhos, muito brancos, muito iguaes — passeava nos salões caprichosamente garridos. Por onde ella passava, ficava bailando no ar, um pouco do seu perfume bom.

O chá foi servido.

Todos voltaram ás salas de dança.

Braços e colos á mostra. Gargalhadas frescas, de crystal, de pessoas que têm dentes bonitos e querem se fazer notadas. Boquinhas pintadas que só se abrem para dizer frivolidades ou criticar as outras. Scintillações de olhos e de joias. Mme. entrou pelo braço deo Comendador Aranha, amigo intimo do marido.

Todo mundo critica a conversa amistosa dos dois. O negro da bateria pisca o olho, malicioso, e assobia, e bate pratos como um louco ou como um palhaço.

Na cosinha, ha tambem batuques de pratos. Tampas de panella caem ao chão. A cosinheira arruma as prateleiras do armario. Subito, de entre as garrafas vasias, que, a um canto, esperam pelo garrafeira, salta, amedrontado, um grande rato. Gritam, num estardalhaço de loucas, as empregadas da casa, agarradas ao chauffeur.

O rato atravessa salas e corredores.

Sobe, sem cerimonia, pela perna da Snra. Barrios.

— Socorro, Aranha! — grita Mme., assustada, levantando e sacudindo as sainhas já curtas por natureza.

Desmaios. Berros. Fita. Muita Fita.

Triumphante, o Comendador Aranha pegou o animalzinho pela cauda.

— Meu heroe!

Desde então, nas tardes em que recebia, Mme. mandava arrumar as prateleiras da cosinha.

Calote

— Comprei um bilhete, queridinha, estou certo de tirar a sorte grande...

Então comprarei a baratinha e tudo mais que você mande.

— A sorte é de quanto? meu Geraldo?

— De vinte contos. Comprarei aquella barata de dezenove, e com o saldo dar-lhe-ei a fivella de brilhante

que vimos outro dia na vitrina!

E ainda sobrará bastante para concertos e pra gazolina...

— E a casa? não pagamos o aluguel ha tantos mezes.

Olhe o que devemos ao Manoel e á venda do Menezes...

— Manda-se ás lavas! Mudamos de cidade, sahimos desse inferno, vamos gozar a nossa mocidade!

E eis o typo do casal moderno...

P E D R O

A N T O N I O

FAZER BEM

No mundo, ha tempo para tudo. Até, ás vezes, para se ter pena dos que soffrem. Um mendigo que nos estende a mão, uma creança que choraminga com frio, uma pobre doente que tartamudeia, com medo, uma supplica, e não custa muito decerto esse gesto, que a gente faz, ás vezes, sem querer, mas que consola e allivia. Porque, se é utopia a perfeição na terra — nem infelizes ou desamparados, nem ricos demais nem miseria pelas ruas — não é mentira, com certeza, que os homens possam melhorar um pouco a condição dos seus semelhantes, minorando-lhes o soffrimento, consolando-lhes as penas, mettendo-lhes nos dias frios e tristes um pouco de felicidade e de luz.

E se ha homens que não pensam só em fazer ges-

Urge combatel-o. 400 mil individuos acham-se ameaçados de perder a vista para sempre. Victimmas do trachoma, a existencia para elles correrá entre males e penas. Sempre uma venda nos olhos, elles vivem agora na esperanza de arrancar-a dalli, cheios de esperanza de melhores dias.

— Mas, dr. Deraldo Jordão, o sr. conseguiu a cura desse mal que tem dado os maiores trabalhos ao governo e que ha varios annos vem sendo combatido sem nenhum resultado?

— Descobri, o que, alias, não representa novidade, pois com o meu preparado que denominei « Collyrio Jordão » já obtive francos successos no « Posto Anti-Trachomatoso do Braz », onde o emprestei, para ser empregado, com autorização especial do Serviço Sanitario. Alli, curaram-se doentes já desesperados de salvação.

E o dr. Deraldo Jordão, em seguida, citou-nos uma porção de nomes, mostrando-nos uma infinidade de attestados. E disse mais, sorrindo:

— Fique alguns minutos aqui commigo. Você mesmo verá.

E ficamos. Em quarenta minutos entraram no consultorio desse illustre medico, á rua Quintino Bocayuva n. 29, no segundo andar, salas 3 e 4, nada menos de dezenove pessoas. Eram creanças pequeninas. Eram homens de todas as condições sociaes. Eram mulheres moças e velhas. E á nossa pergunta:

— Então, está satisfeito com o tratamento do dr. Deraldo?

tos philantropicos, ha alguns, abnegados e bons, que se esquecem de si, para cuidarem apenas dos outros. Querem a humanidade feliz e a vida bôa.

— Pois você está vendo. Póde conversar com qualquer dos meus doentes. Dou-lhe permissão para interrogal-os sobre o que queira.

Estavamos no escriptorio do dr. Deraldo Jordão, um medico moço, de olhos inteligentes, e cujo nome vem sendo repetido pelos trachomosos de São Paulo com carinho e respeito.

Ha no nosso Estado, conforme calculos feitos pelo dr. Caiado de Castro, 400 mil victimmas desse flagello pelo que se vê que todo São Paulo está atacado desse terrivel mal.

A resposta infallivel:

— Muito! Já obtive enormes melhoras!

E em todos o dr. Deraldo Jordão ia empregando o seu « Collyrio », gratuitamente, sem cobrar um tostão, pelo desejo bom e santo de fazer bem.

Nisto, entra na sala, trazida pela mão de uma velha, uma menina. Cabellinhos loiros, pallida, magrinha. Tem os olhos vermelhos e empapuçados.

— Então, minha senhora, como vae a Genny?

A velha não responde. E a garotinha, com os seus cinco palmos de altura, não responde tambem. Sorri, apenas, para o dr. Deraldo, num sorriso assim de quem está vendo a felicidade.

ARLEQUIM

Frontão Brasileiro

EMPRESA

Fernandes & Cia. Limitada

Rua Formosa N. 3

DIARIAMENTE

sensacionaes encontros dos
melhores "pelotari" que actu-
am na America do Sul.

Às quintas e aos domingos
emocionantes partidas extra-
ordinarias para a disputa de
valiosos premios.

Frontão do BRAZ

Empresa Fernandes & Cia. Limitada

Larga da Concordia

O mais amplo, confortavel e
popular centro de diversões.
Diariamente renhidas disputas
do fidalgo esporte da pela.



ESTA' TRISTE ?
Siga o meu exemplo
Tens dores nas costas, nos pés, nos
rins, falta de appetite, insomnia, desappa-
receu a tua alegria? Observa: Trata-se de
intoxicação produzida pelo mau funciona-
mento dos RINS. Usa immediatamente as
PASTILHAS RINSY
remedio de fama mundial, no tratamento
dos RINS E BEXIGA
Notarás após alguns dias, com grande
contentamento, que readquiristes o explen-
dor da tua beleza e a flor da tua juventude.

O PRIMEIRO CONCURSO DE "ARLEQUIM"

Está quasi terminado este primeiro concurso de amor, aberto, um dia, pelo "Arlequim" e que tanto e tão grande interesse conseguiu despertar. Restam-nos, ainda, na gaveta, algumas dezenas de cartas, que serão pouco a pouco, dadas á publicidade. Depois, Maria Luiza Paturau Nielsen de Oliveira, Amadeu Amaral, Cleomenes Campos e Amadeu de Queiroz, — ficou assim organizada a commissão julgadora — dirão de todas qual a mais bonita. E o seu autor ou autora receberá um premio que lhe lembre sempre que elle foi, entre tantos, o que melhor soube exprimir o seu amor. E isto é tão difficil

Meu amor:

Para espairer minha melancolia, saio : percorro estradas e estradas, jardins e jardins, e a minha vista vagueia pelo céo, correndo atrás das nuvens. Em contacto com a natureza — sentindo o pôr do sol e comprehendendo o gemitido do vento — devaneio. Recordo. Ante meus olhos avidos de sensações, a figura esguia da saudade começa a dançar uma dança languida e nublada. aos poucos seus movimentos são mais bruscos e nitidos ; ella vae tomando vulto e por fim se apodera de todo o meu ser, com uma vida exuberante. e eu recordo. .eu volto ao passado. e com saudade louca, vou revivendo o meu amor, o meu grande amor ! Oh ! como eu amei ! Como eu sentia a delicia louca do soffrimento ! Como as minhas tristes lagrimas eram doces ! Como eu sentia o prazer da vida, numa ansia de morrer ! E recordo. e vejo o céo do mesmo azul ; vejo a matta compondo sempre, na sua quietude sobrenatural, um poema de amor ; o mesmo queixume dos ventos ; as mesmas roseiras repetindo de novo as suas rosas ; o mesmo beija-flor. Tudo, como eu conheci antes. Esses mil nada vão crescendo ao redor de mim — eu sinto de novo minh'alma a transbordar.

Que saudade ! — que saudade do meu amor !...

A natureza canta aos meus ouvidos, desafiandoos meus sentidos.

— De repente, passa sobre o sol, uma nuvens pesada — são as cinzas do esquecimento que voam para o infinito — de novo surge o sol, mais brilhante e mais quente ainda ! Seus raios de fogo, ferem o universo todo ! — Eu amo ! — eu amo ainda ! — Mais que nunca, eu transbordo amor, e ao passar, vou dando a cada



flor, a cada ninho, a cada nuven, um pouco da minha alma! - Tudo é luz - tudo é espiritualidade!

— Alberto, eu envio a voce esse grito d'alma, para que voce possa acreditar em meu amor! Eu amo, eu amo ainda!

Você dirá: ella porém é tão moderna!

— Sim Alberto, eu sou moderna como você sabe, mas o meu amor é amor medieval!

O amor não evolve, Alberto, o amor é alma, é coração e será eternamente Amór!

M A R I S A

Meu amigo:

“...E eu te escrevo ainda!.. porque não? Quero dizer-te hoje, o que não te disse nesses dois longos annos! Quero reler contigo, certas cartas que não puderam ter destino.

Ellas aqui estão, ante meus olhos; de cada uma dar-te-ei um fragmento para que possas ver, embora tarde, o que foste para mim...

E assim é que a 6 de Fevereiro de 19.., eu te escrevia:

.. “Tudo, para mim, se resume em ti! Sonho uma vida cheia de encanto, de poesia, de amor, e essa vida está em ti.

Abstenho-me, muitas vezes, de ler um livro, olhar uma paisagem e aspirar uma flôr...

Sinto que não me é permittida ainda a entrada nesse templo da imaginação, aguardo o dia, em que, eu pelo teu braço, percorrermos juntos essas regiões encantadas, onde ha muito céu, muitas rosas e muito amor. Vem! Não tardes! Não vês, que sem ti, tudo para mim é opaco e asphyxiante? Tira-me este manto pesado de mais para os meus hombros e deixa-me pairar contigo, no azul do infinito!”

— Numa outra eu dizia:

“Porque a tua presença me faz tanto mal e tanto bem? Não sabes? Tenho medo dos teus olhos, no entanto ha uma vida que espera apenas um olhar teu, para entrar na eternidade do amor!

E eu tenho, então, medo da felicidade. Ella será tão grande...”

— A 14 de Fevereiro, escrevia: ..“e, avida de teu olhar, procuro-o e vejo-o pousar aqui e alli e penso que esse olhar podia ser meu!”

A 14 do mesmo mez, eu perguntava:

“Porque é que te escrevo? Eu mesma não sei. Sei apenas que de tudo me esqueço, quando converso contigo, e fico a imaginar, que, se um dia lesse estas paginas, chamar-me-ias douda!”

A 30 de Março (não te lembra deste dia?) era esta a confissão que te fazia:

“Um anno já, meu amor! Durante esse tempo todo não houve um minuto só, em minha vida, que não fosse teu. E tu? Tu, ah! lançaste-me um dia, um olhar, e não quizeste que eu te olhasse tambem.

E tu perguntarás então: “porque será que ella me ama assim?” E eu nada poderei responder, sei, porem, que foi desde o dia em que nos teus olhos claros, vi um olhar claro...”

— Nada percebias, não é assim? E dos meus olhos, cahiam uma por uma, as lagrimas de um grande amor que nem por sombra suspeitavas, e que era ao mesmo tempo, o meu céu e o meu supplicio!

— Quero dizer-te baixinho, olive: eu tinha, ás vezes, a esperança louca de ser amada por ti).

A 21 de Setembro, era assim que eu te fallava:

“e eu tenho saudades de ti, meu querido. Sabes? O amor só não basta. e eu te amo e eu te quero bem”

Finalmente a 17 de Dezembro:

.. “e é assim, á fogo lento, que vou deixando de viver esta vida que me promettia tanto e que meu deu tão pouco??...”

E' esta a última vez que te escrevo. Penso em ti, em mim, e sinto apenas a tristeza profunda que

devem sentir as ondas em alto mar, batendo num rochedo nú.

Não te quero mal. Deste, á minha alma, sonhos venturosos e alegrias doudas que jamais esquecerei.

E si soubesses o que senti quando soube que já não partias para a tua viagem de estudos?!... Ao desespero surdo seguiu-se então um momento de calma, de calma absoluta em o qual desejei dormir, entregar-me a um somno manso, e só despertar quando ouvisse á tua primeira palavra de amor!

Mas. nada vias!..

Não te quero mal.

Não me amavas, eu sei, mas não te amava eu? Amar já uma felicidade.. Viste? Apesar de tudo, ainda me fizeste feliz.

O que a vida podia dar, pensei receber de tuas mãos... Não faz mal.

Estou calma, não achas?

E este amor que não viste em meus olhos, ficará em mim como um perfume que, depois de ter provocado vertigens, fica mais suave, sem, comtudo, deixar de nos perturbar (ás vezes bruscamente) tirando das sombras do passado um momento que não volta mais.

Digo-te ainda: esse sonho de amor não morrerá nunca!

Não comprehendes?

Elle vive sempre pairando sobre mim, sem baixar á terra, e o que não é da terra é eterno, não é mesmo?

Poderei, a todo instante, refazer o meu castello encantado: e tu não m'o poderás impedir. Mas, fica socegado: seguirás o teu caminho sem remorsos e eu seguirei o meu, agradecendo-te o que me fizeste sentir, esperar e desejar!..

Adeus! Nunca mais aqui estarei para dizer que te amei, que te amei, e que te amo ainda!..

M A R I A N G E L A

Num mar de rosas...

Impressões da Caravana



Jandyra Buck

Dos seus olhares ao baque
O coração perde o breque
Fazendo um salamaleque
Num festivo tic-tac!..
Basta o seu bello e seu chic,
De sua graça um só pouco
P'ra que a gente "se machuque"..
Assim, não ha quem não fique
Querendo bem como louco
A meiga Jandyra Buck!

EM JABOTICABAL

A' Helena Muniz

Não sou um grande poeta
Que o verso lindo architecta
E faz da rima uma joia...
E desta forma singela
Digo que sois bem mais bella
Que a bella Helena de Troia!

Bellinha Telles

Disseste Bellinha Telles
Conversando: "Oh! Dr. Felix
Hoje estou tão sem assumpto
Que quasi que não converso!".
a Janda que estava junto:
— "Pois eu converso com verso.."

BARRETOS

Zilda Diniz



Sua belleza é capaz
De logo, á primeira vez,
Produzir embriaguez
No coração de um rapaz..
O seu sorriso fugaz
E sua doce altivez
Teem não sei que que me fez
Rimar um pouco... e quem faz
Um verso a Zilda Diniz
Não faz um, faz outro após
Pois sua belleza induz
Fazer tudo quanto fiz
Decantando em alta voz
O seu encanto andaluz!



A' Oscarina Doce.

Ao vel-a, Dona Oscarina
Tão bonita, idealiso
Na penumbra da retina,
Que existem no seu olhar
Duas noites!
E os seu sorriso
E' o luar!

Aurea Lara

Pequena Aureasinha Lara,
Boneca morena e rara
Que eu encontrei em Barretos,
Si eu fosse um pouco mais moço
Faria a você um "colosso"
De versos e de sonetos...

ARLEQUIM



Maria Carvalho

Dona Maria Carvalho
Que dessa terra é o espelho,
— Fazer-lhe um verso - trabalho
Que sempre faço sem brilho
Pois na modestia me encolho
E a rima não faz barulho. .
Mas digo um só estribilho
O mais bello que eu lhe escolho :
— “Sois dessa Terra o orgulho !”



Elvira, Carmem e Lolita Gimenez

Elvira ! Carmen ! Lolita !
Não sei qual a mais bonita
Das Gimenez ! E por isso,
Por não saber qual será
Vou dizendo desde já
Que todas tres teem feitiço.

EM ARARAQUARA

Nenê Somenzari.

Estou pensando commigo :
— De você o que é que digo
Encantadora Nenê ?
— Não ! Prefiro ficar mudo
Pois creio ter dito tudo
Conversando com você !



A Angelica Isique

Ao vel-a assim toda “blonde”
Travessa pequena Isique,
Não ha talvez quem não fique
Meio louco e não se esqueça
Duma vez, o lugar onde
Deixou perdida a cabeça !

DR
FELIX

ARLEQUIM

O INDICADOR DE "ARLEQUIM"

MADAME A. BOUDON

COSTUREIRA

Especialidade em Cintas Medicinaes

"Soutien-Gorge"

R. Barão de Itapetininga, 46 - 2.º andar

TELEPHONE, 4-5438

ACADEMIA DE CORTE

E COSTURA

G H E M I

RUA RIACHUELLO, 29



Indicador Profissional

DR. VICENTE BELMONTE

Formado pela Real Universidade de Napoles e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
MEDICINA E CIRURGIA EM GERAL

Cura da Syphilis pelos methodos mais modernos approvados nos ultimos Congressos scientificos

RESIDENCIA:

Rua Galvão Bueno, 41

Consultas das 8 ás 9
Telephone 2-0377

CONSULTORIO:

Praça da Sé, 94 - Salas 8 e 9
Consultas das 3 ás 6
Telephone 2-4251

Dr. Carvalho Lima

Laboratorio de Analyses

Pratica dos Laboratorios de Paris, Berlim, Nova York, Boston. Exames de sangue, urina, fezes, etc.

Rua do Arouche, 9

Telephone, 4-3722

Molestias Urinarias

Dr. Chrisostomo de Souza

Especialista dos hospitaes de Paris
Rua Barão de Itapetininga, 65
Das 4 ás 5 — Telephone, 2-4251

CLINICA DE CRIANÇAS

Dr. J. Leme da Fonseca

Assistente da Cadeira de Clinica Pediatrica da Faculdade de Medicina.
Com pratica nas Clinicas de Vienna e Berlim. Raios ultra-violeta
Consultas: das 2 1/2 ás 5

CONSULTORIO:

Rua Xavier de Toledo, 38 (I)

Telephone, 4-322

RESIDENCIA : — RUA SERGIPE, 80

Telephone, 5-2778

MOLESTIAS NERVOSAS

Dr. Th. de Alvarenga

Pediatra da Casa de Saude Dr. Homem de Mello

RUA LIBERO BADARO' 41 4.º andar
Das 15 ás 17 — Telephone, 2-2491

TYPOGRAPHIA BANCARIA

ARTES GRAPHICAS EM GERAL

PUZZIELLO & LESJAK

Todas as obras são compostas em machina de compor da «Lanston Monotype Philadelphia »

PHONE
9 - 1676

Impressão de Revistas e Catalogos é feita em machina cylindro automatica «Planeta »

S ã O P A U L O

R U A O R I E N T E , 1 3 4



DODGE BROTHERS

Carro de turismo de 5 lugares

Veja este carro no nosso estande

Antunes dos Santos & Cia.

Rua Barão de Itapetininga, 39 e 41

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).